



# Arte<sup>®</sup> na Escola



Cavalo Nôia

## Prêmio Arte na Escola Cidadã chega à 10<sup>a</sup> edição

**Cinco ganhadores do X Prêmio mostram a diversidade brasileira em seus projetos vencedores**

PESQUISA INÉDITA REVELA A VISÃO DOS FINALISTAS DO IX  
PRÊMIO SOBRE AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM

# Editorial

Um aluno contemporâneo de si mesmo e contextualizado em sua cultura: talvez seja este o produto das melhores práticas premiadas no Prêmio Arte na Escola Cidadã. Num grande esforço feito ao longo do ano de Norte a Sul do Brasil, o Instituto Arte na Escola mobilizou os mais de 50 polos universitários e trabalhou junto à rede escolar brasileira de mais de 5 mil escolas para chegar a mais de 500 candidatos inscritos. Para premiar 5 indivíduos, que em sua excelência representam os 88.505 professores de Arte deste país no seu esforço de devolver a emoção à sala de aula, sim, mas cientes de sua responsabilidade com esta enorme e complexa área de conhecimento: a Arte, cuja importância torna-se cada vez mais evidente.

## Evelyn Berg Ioschpe

Presidente do Instituto Arte na Escola  
evelyn@artenaescola.org.br

2

## Expediente

O Boletim Arte na Escola é uma publicação da rede Arte na Escola, produzido com o patrocínio da Fundação Ioschpe.

### Conselho Editorial

Evelyn Berg Ioschpe,  
Sebastião Gomes  
Pedrosa, Sandra Suely  
dos Santos Francisco e  
Ana Lúcia S. de O.  
Nunes

### Editora

Silvana Claudio

### Jornalista responsável

Fábio Galvão MTB  
20.168/SP

### Redação

Fábio Galvão,  
Cecília Galvão e  
Raquel Zardetto  
(CGC Educação)  
**Projeto Gráfico**  
Zozí

ISSN 1809-9254

Artigos, comentários e opiniões para este informativo devem ser enviadas para:  
Instituto Arte na Escola;  
Alameda Tietê, 618 –  
casa 3 CEP 01417-020,  
São Paulo, SP Fone (11)  
3103.8080  
contato@artenaescola.org.br

## Fala Professor Premiado

### Qual a sua principal atividade artística ou cultural nas horas de lazer?

› "Minhas principais atividades artísticas são música e poesia. Sou compositora e cantora. A pintura é lazer, mas tem forte ligação com o trabalho. Assisto a shows, teatro, filmes e jogo vídeo game que tem um universo onírico incomensurável a ser devastado."

**Juliana Carnasciali Muniz** / São Paulo

Premiada na categoria Ensino Fundamental 1

› "Nas horas de lazer procuro visitar as exposições que ocorrem na minha cidade e nas cidades vizinhas. Gosto também de usar este tempo para testar novas técnicas e materiais, de fazer experimentações artísticas. Para mim, exercitar a arte e conhecer mais sobre ela no tempo livre é um grande prazer que posso aliar ao meu trabalho, tornando-o mais qualificado."

**Cecília Luiza Etzberger** / Rio Grande do Sul

Premiada na categoria Ensino Fundamental 2

› "Procuro sempre em meus momentos de lazer manter contato com a arte. Gosto muito de ir ao teatro e ver exposições de obras de arte, além de ser momentos excelentes para povoar a mente com novas ideias para se trabalhar em sala."

**Gilmária Ribeiro da Cunha** / Bahia

Premiada na categoria Educação Infantil

› "Sempre visito exposições de arte acompanhando o calendário cultural da cidade. Além das artes plásticas, gosto muito de eventos musicais, literários, teatrais e de dança."

**Flávia Roberta Alves Costa** / Pernambuco

Premiada na categoria Ensino Médio

› "Não tenho muito tempo para lazer, mas o meu segundo trabalho é muito prazeroso. Sou coordenador de cultura, promovo saraus, shows, peças teatrais e outros eventos artísticos. Fico o tempo inteiro em processo de criação. Quando sobra tempo, vejo filmes, ouço boas músicas e navego pela internet".

**Jacson Silva Matos** / São Paulo

Premiado na categoria EJA

BLA BLA BLA



# Uma avaliação pela metade

**A maioria dos professores de Arte sabe da importância da avaliação na aprendizagem dos seus alunos, mas poucos adotam um planejamento, estabelecendo critérios e instrumentos bem definidos. É o que revela uma pesquisa inédita realizada com os 103 professores finalistas do IX Prêmio Arte na Escola, em 2008.**

» De autoria da pesquisadora Adriana Mortara Almeida, o estudo faz uma análise detalhada dos relatos e da documentação apresentados pelos docentes no momento da inscrição do Prêmio. "Um dos dados mais relevantes da pesquisa é que falta planejamento do professor na hora de avaliar", diz Adriana, gerente do Observatório de Museus e Centros Culturais de São Paulo.

De acordo com o trabalho, 75% dos professores fazem avaliação, enfatizando que a avaliação deve ser realizada de forma processual, mas são poucos os que incluem objetivos, procedimentos, estratégias e conteúdos para cada uma das etapas do processo. Apenas 16% dos professores incluem instrumentos de avaliação nos relatos, por exemplo.

A pesquisa mostra que os professores valorizam demasiadamente a opinião dos alunos. No entanto, um aspecto positivo revelado pelo estudo é a importância dada aos portfólios "como indicadores dos resultados alcançados". A socialização do trabalho, com apresentações musicais, teatrais e exposições de artes, também aparecem como indicadores finais do processo avaliativo.

Adriana Mortara relata que estas experiências "são muito positivas, quando vistas em teoria", mas que "no discurso de muitos professores não há clareza de como a avaliação é realizada, quais os critérios utilizados e quais os instrumentos de coleta para essa avaliação."

A coordenadora do Prêmio Arte na Escola Cidadã, Mirca Bonano, concorda com os resultados da pesquisa e alerta que o professor ainda vê a avaliação de uma forma bastante tradicional. "Ainda há muita resistência em relação à avaliação, pois muitos professores a veem como um processo

meramente classificatório ou eliminatório", afirma.

Mirca lembra que a avaliação precisa ser utilizada como "correção de rota" no aprendizado. "Muitas vezes os instrumentos de avaliação não dialogam com a sistemática do professor, nem com a concepção do projeto", diz.

O nível de formação dos professores também revela como a avaliação é trabalhada no dia a dia escolar. "Há uma maior preocupação com a avaliação por professores graduados em Arte em relação aos formados em outras áreas", diz Adriana.

O estudo constata que dos 103 professores finalistas, 64 têm formação superior em Arte e 80% fizeram referências explícitas à avaliação. Destes 64, a esmagadora maioria, 52, é formada em Artes Visuais. Cerca de 1/3 tem pós-graduação no campo das artes.

A pesquisa dividiu o tema avaliação por escolaridade e constatou que há aumento da exigência de rigor em avaliação conforme a escolaridade avança.

No Ensino Fundamental 1, apenas 15% dos professores adotam instrumentos de avaliação nos documentos enviados. No Ensino Fundamental 2 este número pula para 19% e no Ensino Médio cresce para 24%. Os professores de Educação de Jovens e Adultos - EJA são os que menos tratam da avaliação.

O estudo mostra ainda que 34% dos professores de Arte pesquisados estão na região Sul, 87% são mulheres e 79% lecionam em escola da rede pública.

Adriana Mortara ressalta que o universo da amostra é pequeno e não permite generalizações, mas é um bom indicativo de como o professor trabalha a avaliação na sala de aula.



# Prêmio transformador

**Os cinco projetos vencedores do 10º Prêmio Arte na Escola Cidadã provam que o ensino da Arte e a valorização da cultura podem transformar pessoas e relações.**

»» O envolvimento de professores, alunos, diretores, famílias e comunidade traz a certeza de que é possível atingir a qualidade no ensino, apesar das imensas barreiras ainda existentes na educação brasileira. A emoção estampada nos olhos e nas falas dos professores na cerimônia de premiação comprova que vale a pena ensinar Arte no Brasil.

Em 2009, o X Prêmio recebeu 548 inscrições de todo o País nos níveis de ensino Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. Cada professor ganhou R\$ 7 mil e a escola recebeu um computador e uma máquina fotográfica digital. Durante a cerimônia de premiação, realizada no dia 13 de outubro no Centro Cultural Correios, em Recife, a presidente do Instituto Arte na Escola, Evelyn Ioschpe, fez um balanço dos 20 anos de atuação do Arte na Escola e dos 10 anos do Prêmio, destacando as grandes transformações que o ensino da Arte vem sofrendo no Brasil. Na ocasião também aconteceu a obliteração do selo em comemoração às duas décadas do Arte na Escola. "Há 20 anos tínhamos um cenário totalmente diferente do ensino da Arte. A Arte não era obrigatória nos currículos e não havia parâmetros curriculares. A Arte não agregava conhecimento. É realmente espantoso o que aconteceu no ensino da Arte. Eu não conheço outra área do conhecimento que tenha crescido tanto", disse Evelyn Ioschpe.

O superintendente do SESI – Serviço Social da Indústria Pernambuco, instituição co-realizadora do Prêmio, Ernane de Aguiar Gomes, destacou a seleção criteriosa das comissões avaliadoras, a excelência na qualidade dos trabalhos inscritos e o compromisso com o Prêmio. "O SESI se empenha cada vez mais em incentivar o professor a despertar no aluno o conhecimento desta imensa diversidade cultural brasileira", afirmou.

## Cavalo Nóia

Dois cavalos enterrados - um na quadra esportiva e outro no jardim - em uma escola da periferia de São Paulo e um terceiro cavalo atropelado. Esta história, verdadeira, transformada em um movimento cultural que reúne mais de 3,5 mil pessoas pelas ruas da Vila Missionária, foi parar na 28ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2009. Isto é o "Cavalo Nóia", um projeto do professor Jacson Silva Matos, de 39 anos, premiado na categoria Educação de Jovens e Adultos.

Localizada na zona sul de São Paulo, a escola estadual Professor Doutor Lauro Pereira foi construída irregularmente sob uma área de manancial. Com um histórico de violência e medo, ela renasceu a partir da ideia de integrar a comunidade e atrair as donas de casa e os trabalhadores da terceira idade para voltarem a estudar de noite.

O "Cavalo Nóia", relata o professor Jacson, é uma junção das experiências dos alunos com as manifestações artístico-culturais de suas origens no Norte, Nordeste e regiões pobres de Minas Gerais. "Tornou-se um aglomerado cultural por contemplar diversas linguagens e festividades, como o boi-bumbá, reisado, carnaval de rua, folguedos, São João, sambas de roda, capoeira e jongos", diz o professor, formado em Artes Plásticas e mestre em Artes Visuais pela Unesp.

O projeto é realizado em quatro fases durante o ano. O primeiro passo é pesquisar a cultura popular para motivar os novos alunos e realizar rodas de bate-papo, exibição de vídeos e leitura de livros. Em seguida, começa a confecção dos ornamentos da festa, um trabalho artesanal feito em sala de aula ou na casa dos alunos com tecidos, tintas, papéis e materiais recicláveis. A terceira fase é a dos ensaios das danças, novas coreografias e cantigas. Na última sexta-feira de novembro, o "Cavalo Nóia" desfila imponente pelas ruas da Vila Missionária.

Ele destaca ainda que o projeto contempla outras áreas de conhecimento, com a elaboração de cordéis, letra de músicas e poesias em conjunto com as aulas de Português, e o estudo da cultura popular envolvendo as disciplinas de História e Geografia.

## Sem brigas

Todas as despesas são custeadas pelos alunos, familiares e comerciantes do bairro. O padre da paróquia, os músicos da região, as casas de cultura próximas e outras escolas também ajudam. No início do projeto, em 2000, pouco mais de 200 pessoas participaram. Hoje mais de 3.500 pessoas brincam pelas ruas. "Não tivemos nenhum registro de brigas ou desavenças", conta o professor premiado. Recentemente, ele criou o "noinha", um cavalinho que sai a tarde e faz a alegria da criançada.

Para ele, o reconhecimento do Instituto Arte na Escola trouxe maior aceitação e entendimento por parte de todos, escola, alunos, comunidade e "superioridades de ensino".



OS GANHADORES: JULIANA, FLÁVIA, JACSON, CECÍLIA E GILMÁRIA

» Jacson destaca que a maior vitória proporcionada pelo projeto foi a aproximação entre comunidade e escola. "Antes, as pessoas tinham medo de estudar e lecionar na escola. Só vinham para o "Lauro" (como se referem à Escola) aqueles professores que não podiam escolher escolas melhores. Hoje temos um grande número de professores efetivos (inclusive, dois são ex-alunos). Chega a rolar disputa pelas aulas", diz.

Na visão da professora Carmem Capra, integrante da comissão avaliadora, o projeto "Cavalo Nôia" é o sonho de todo o professor de Arte: sair da escola e integrar-se com toda a comunidade. "Além de abarcar a comunidade, o projeto se perpetua e vira um movimento cultural. Isto mostra a força do conhecimento artístico na formação da identidade das pessoas", ressalta Carmen.

### Somos brasileiros, somos diferentes

Encravada na região carente do chamado subúrbio ferroviário, na periferia de Salvador, o Centro Municipal de Educação Infantil Cid Passos é freqüentado na sua maioria por crianças descendentes de índios e negros, cujos pais têm pouca instrução e estão em subempregos ou desempregados.

Pensando nesta realidade, a professora Gilmária Cunha, de 26 anos, planejou o projeto "Somos brasileiros, somos diferentes", vencedor na categoria Educação Infantil. O objetivo principal era construir uma identidade cultural entre as crianças, a partir de comparações entre o modo de ser e de viver dos povos indígenas e africanos com a cultura local.

Com um planejamento semanal compartilhado, muita pesquisa, com o apoio da escola, das famílias e de estudantes de teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA), o projeto mudou a vida dos alunos e elevou a

auto-estima deles. O primeiro passo, conta a professora Gilmária, foi descobrir como era a vida das crianças índias e negras. Suas brincadeiras, seus cantos, sua dança, enfim, sua cultura.

O projeto envolveu todos os campos da arte, como literatura, música, teatro, artes plásticas e cinema. Os alunos utilizaram diversos tipos de materiais em suas produções, entre eles argilas, isopor, variados tipos de papéis, roupas, elementos da natureza, livros e vídeos. Eles construíram maquetes de aldeias, brinquedos como a peteca, coreografias de dança de capoeira, enredo de peças teatrais e até a produção de um livro

De acordo com a professora Gilmária, formada em Pedagogia com especialização em Educação Infantil, a maior conquista foi "ver as crianças pequenas com outro olhar para sua própria cultura, iniciando um processo de construção da uma identidade positiva de sua raça e etnia e constatar a evolução do desenvolvimento da leitura e da escrita".

### Sonho

A vencedora na categoria Educação Infantil disse que a conquista do Prêmio foi um sonho. "Receber a notícia foi uma emoção indescritível. Minha reação foi compartilhar com os alunos a alegria e a emoção que estava sentindo e também com minhas colegas que desenvolveram juntamente comigo o projeto premiado. Parecia um sonho!" Ela conta que o projeto proporcionou vários momentos de participação ativa das famílias. "Assim como as crianças apresentaram mudanças significativas em seu modo de verem a si mesmas e o outro, também as famílias estão mais próximas e tem a compreensão das temáticas abordadas no projeto", afirma.

Gilmária diz que o Prêmio confirma a sua "crença de que





Cavalo Noia



Somos brasileiros, somos diferentes.



Arte: Impressão e Expressão que transforma

» a arte é um elemento potencializador na construção de um currículo inclusivo" e é mais um incentivo para se aprimorar na carreira. "Tenho o desejo de dar continuidade à minha formação com a realização de uma pesquisa que possa contribuir neste sentido", afirma.

Melina Risso, da comissão avaliadora, diz que a professora Gilmária conseguiu recuperar nos alunos a identidade cultural do povo africano e indígena. "A gente só respeita uma cultura quando a gente conhece e se apropria desta cultura", diz.

Para Patrícia dos Santos, mãe da aluna Grazielle, o projeto transformou a vida da filha. "Teve muita diferença na vida dela. Ela aprendeu a aceitar a raça dela. Ela achava que, por ser negra, não tinha boniteza. Mas o projeto ensinou que ela é negra, sim, tem beleza natural e pode ser feliz do jeito dela".

### Bla Bla Bla

"A voz tonifica a pessoa passo a passo,  
o corpo pode se expandir,  
cores expressam sentimentos,  
corpo algum acaba em nada  
...sensações, sensações, sensações..."

Este trecho da poesia Uoláááá do 5º ano F da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Embaixador Assis Chateaubriand, em Osasco, na Grande São Paulo, expressa com precisão o projeto da artista e professora Juliana Carvalho Carnasciali, vencedora na categoria Ensino Fundamental 1.

Aos 30 anos, bicampeã do Prêmio Arte na Escola – ela já havia vencido em 2004 – Juliana notou que a maioria dos seus 480 alunos tinha a mente e o corpo desconectados. E perguntou para si mesma: "Como fazê-los perceber que seu próprio corpo é volume e ocupa espaço expressivo no mundo, além de ser veículo para comunicar arte?" Nascia ali o "Bla Bla Bla", na definição da professora, "uma experiência poética sonora que potencializou nos alunos a capacidade de relacionar corpo, mente e espaço, para estruturar caminhos entre ler, pensar, agir e falar sendo a palavra e o corpo as matérias para isso, através da linguagem poesia".

Trabalhando conexões interdisciplinares, entre Ciências, Educação Física, Geografia, História e Língua Portuguesa, o projeto recebeu total apoio da escola, mantida pela Fundação Bradesco.

Formada em Educação Artística com especialização em arte-educação, Juliana conta que ao assistir, no início do ano, a apresentação de um trabalho em grupo, notou que os alunos tinham boas ideias, mas demonstravam dificul-

dades de "exteriorizar sensações, bi e tridimensionalmente". A partir daí, ela deu início a um intenso trabalho de percepção corporal. O segundo passo nasceu a partir de um workshop com o poeta Paulo Netho. "Desde então, práticas e brincadeiras com palavra e corpo se fizeram presentes", relata.

### Democracia

Em sala de aula, Juliana realizou exercícios de ampliação de repertório poético em processo lúdico, criação de frases poéticas através da socialização de palavras, construção de poesias coletivas e a gravação de um cd com 12 poesias criadas por eles "literalmente de modo democrático". No final, a artista-professora elaborou uma "síntese poética visual como avaliação de todo o processo".

Na opinião de Rosa Lavelberg, da comissão avaliadora, "o recorte da poesia visual com um conteúdo extremamente contemporâneo" é a principal qualidade do trabalho da professora. Para ela, o Bla Bla Bla consegue atrair os alunos para uma cultura jovem. "O aluno fica mais próximo da contemporaneidade. Ele fica contemporâneo dele mesmo", destaca Rosa.

Segundo ela, o uso do corpo na construção da linguagem, através de um planejamento estruturado é muito adequado para a aprendizagem dos alunos. "É muito bom no trabalho com os jovens recuperar a questão do corpo e incluí-la no conjunto das aprendizagens avançadas", recomenda. Rosa Lavelberg elogia ainda o "viés artístico e não burocrático" do portfólio. "Ele realmente documenta a experiência e toda a sequência didática passada pela professora a pelos alunos".

### Visitando o Mundo das Artes

O projeto "Visitando o Mundo das Artes", de autoria da professora Cecília Luiza Etzberger, ganhadora na categoria Ensino Fundamental II e frequentadora ativa do Pólo Arte na Escola da Feevale, surgiu de uma visita à Igreja Matriz São Pedro Apóstolo, construída em 1869 e vítima de dois incêndios, na cidade gaúcha de Ivoti.

A partir do estudo da arte medieval, os alunos do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental 25 de Julho notaram várias semelhanças entre uma igreja de estilo gótico com a velha igreja da cidade, hoje incorporada ao patrimônio histórico. Ao sentir o grande interesse dos alunos pelo assunto, Cecília decidiu arriscar. Mudou o seu plano de estudo e saiu dos muros da escola.

Após uma ampla pesquisa com as famílias e uma palestra com a historiadora Gabriela Dilly, ficou decidido que era a hora de visitar a igreja. Cada aluno escolheu um







Visitando o Mundo das Artes

BLA BLA BLA

» detalhe da igreja para ser fotografado e desenhado. A visita à exposição de fotos “Acroterium”, do artista Ricardo Cristofaro, na Pinacoteca do Centro Universitário Feevale, também despertou outros olhares dos alunos. Já na escola, a professora Cecília usou diversos materiais e técnicas, além de muita criatividade, para registrar a percepção dos estudantes: desenhos de rosáceas com compasso, papelão para dimensionar relevos, porta-retratos com filtro de café e manipulação digital das fotografias.

Ao serem expostas na escola, as fotografias chamaram tanto a atenção dos demais alunos que a coordenação da escola sentiu o desejo de realizar exposições em locais públicos de Ivoti. Elas foram então mostradas na Secretaria de Educação, em um banco e também em um restaurante. “Os alunos se sentiram muito valorizados. Foi muito empolgante e significativo para eles”, conta a professora, de 25 anos, que faz pós-graduação e frequenta os Grupos de Estudos do Pólo Feevalle da Rede Arte na Escola, em Novo Hamburgo.

### Coragem para ousar

Cecília Etzberger tem convicção de que sua participação nos Grupo de Estudos do Arte na Escola ajudou muito a melhorar a rotina na sala de aula e conquistar mais espaço e respeito na escola. “Sem dúvida o grupo de estudos é um ótimo referencial para o professor. Nos encontros, os assuntos discutidos são de grande relevância na rotina escolar. Falamos sobre avaliação, sobre os conteúdos a serem ensinados, como atividades que podem ser desenvolvidas entre outros tantos assuntos”, diz ela.

A professora lembra que, quando era estudante, sempre fazia cursos no Polo da Feevale. “Assim que concluí a faculdade, ingressei no grupo e continuo até hoje. Acredito que, com a troca de experiências, consigo olhar meu aluno de outra forma. Com o Arte na Escola passei a conhecer mais sobre a arte brasileira e pude apresentar aos alunos a arte de hoje, com seus diversos formatos. Sem dúvida, o Instituto tem grande responsabilidade na qualidade das minhas aulas”, constata. Para ela, a vivência nos grupos de estudos a fez sentir mais coragem para ousar na sala de aula. “Acredito que este percurso me fortaleceu no sentido de ter a coragem de propor aos alunos novas vivências, explorar novos espaços. O Instituto nos fortalece em nossas ações mais ousadas, que são as de maior qualidade e que de fato auxiliam o aluno a construir seu aprendizado em arte de forma significativa”, afirma.

Segundo a coordenadora pedagógica da escola 25 de Julho, Adriana Ahlert, a conquista do Prêmio fez os alunos aprenderem mais e melhor nas aulas de Arte e também

contagiar os demais professores. “A professora Cecilia consegue sair das quatro paredes da sala de aula e realizar um trabalho interdisciplinar, envolvendo não só outros professores, mas os demais profissionais da escola”, afirma.

A coordenadora do Polo Arte na Escola da Feevale, Caroline Bertani, conta que sempre deu todo apoio ao trabalho de formação continuada da professora Cecília durante sua trajetória acadêmica e profissional. “A Cecília foi nossa aluna na graduação e hoje faz pós-graduação. Durante todo este tempo, ela sempre participou dos grupos de estudos do Arte na Escola”, diz.

Caroline destaca ainda que mais cinco professores do Polo foram classificados para a etapa final do Prêmio. “Nós percebemos que os professores estão buscando qualificação na sua formação e também estão preocupados em mostrar os seus trabalhos”, comemora. “No momento em que o professor mostra o seu trabalho, ele se revela e a escola e a comunidade passam a ter um outro olhar sobre o ensino da arte e sobre a própria arte”.

### Arte: Impressão e Expressão que transforma

Por que a arte tem que ser bela? Quem compreende a arte contemporânea? Partindo destas reflexões, a professora Flávia Roberta Alves Costa traçou um planejamento estruturado para desenvolver o projeto “Arte: Impressão e Expressão que transforma”, premiado na categoria Ensino Médio.

Flávia leciona no Recife, na escola particular Mater Christi, de orientação montessoriana, que desenvolve suas atividades pedagógicas a partir de temas sugeridos pelos próprios estudantes e elaborados em parceria com toda a equipe educacional. E o tema escolhido para o ano de 2008 foi justamente a arte. “Decidimos que só fazia sentido trabalhar a arte como conhecimento”, conta a professora, de 27 anos, formada em Artes Plásticas com pós-graduação em arte-educação.

No início, lembra ela, “ao entrar em contato com trabalhos de arte contemporânea, percebi rejeição e descrédito por parte de alguns estudantes”. Depois de exibir o vídeo “Quem tem medo de arte contemporânea?” e levar os alunos do 2º ano a uma exposição de arte contemporânea, Flávia propôs que eles fizessem uma avaliação destas experiências. A percepção dos alunos começou a mudar. “Ao percebermos o entusiasmo com a crítica de arte pelos estudantes, criamos a revista Vertente, em parceria com a disciplina de projeto de pesquisa, com professores e alunos”.



Visitando o Mundo das Artes



Somos brasileiros, somos diferentes.



Arte: Impressão e Expressão que transforma

## >> Conhecimento

Flávia avalia que tratar a arte como conhecimento foi condição indispensável para o êxito do projeto. Segundo ela, os estudantes aprenderam a produzir trabalhos artísticos individuais e coletivos, com diferentes materiais, meios e técnicas. "Eles compreenderam a arte como fato histórico contextualizando nas diversas culturas, conhecendo, respeitando e podendo observar as produções presentes no entorno. Percebi que fazer um planejamento com a participação dos estudantes foi essencial para o envolvimento de todos", relata.

Enila de Rezende, diretora da escola Mater Christi, conta que deu apoio total ao projeto. De acordo com ela, a escola "envolve todas as disciplinas com um olhar interdisciplinar, construindo no dia a dia uma discussão permanente sobre tudo que se está vivendo". Ela espera que o Prêmio ajude outras escolas a acordarem para a importância da arte no desenvolvimento humano. "Nosso país começa a acordar para o caminho libertador da emoção na prática pedagógica", diz Enila.

Robson Xavier da Costa, da comissão avaliadora do Prêmio, diz que o ponto mais marcante do projeto da professora Flávia foi ter trabalhado a arte contemporânea para o aluno contemporâneo. "Ela trabalha isto com muita propriedade. Ela trabalha a arte conceitual e a referência visual", afirma. Robson destaca ainda a participação dos alunos no planejamento do projeto. "Embora haja um planejamento prévio, ele não é fechado; ele é modificado na medida em que os alunos trazem questões", diz.

Para conhecer os trabalhos premiados assista aos documentários dirigidos pela cineasta Andrea Pasquini e disponíveis em: [www.artenaescola.org.br/premio.php](http://www.artenaescola.org.br/premio.php)

O Prêmio Arte na Escola Cidadã é uma iniciativa do Instituto Arte na Escola em co-realização com o Sesi desde 2007. Tem como patrocinadores o Bradesco e a Iochpe-Maxion, ambos por meio da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura, além da Fundação Iochpe. Apoiaram a premiação em 2009: UNESCO, CONSED, UNDIME, Centro Cultural Correios, Revista Pátio, TV Escola, Ministério da Educação e Canal Futura. O Prêmio também é uma ação em sintonia com o movimento Todos pela Educação. <<

## Instituto Arte na Escola cria incentivo à pesquisa

O XXIII Encontro da Rede Arte na Escola, realizado em Recife entre 12 e 16 de outubro, com a participação de 47 coordenadores dos Polos, proporcionou o início das discussões sobre como é feita a avaliação do ensino da Arte nas escolas brasileiras e detectou a necessidade de aprofundamento e ampliação dos debates sobre o tema. Também anunciou uma ótima novidade para 2010: a criação de uma linha de incentivo à pesquisa no âmbito da Rede. O edital será divulgado em 10 de fevereiro de 2010.

O Instituto Arte na Escola decidiu ainda alterar a gestão da Rede, com a realização de Encontros Nacionais Descentralizados a partir de 2010. O Encontro Nacional Único passará a ser bial. A coordenadora da Rede Arte na Escola, Roseli Alves, diz que o XXIII Encontro "gerou muitas reflexões e diálogos que apontaram a necessidade de um aprofundamento do tema avaliação". Na opinião dela, os Encontros Regionais "passarão a ter mais apoio para que criem força política e educativa". Caberá aos 50 Polos do Arte na Escola construir uma pauta de discussão conjunta, organizar o programa e escolher profissionais para palestras e oficinas. "Esperamos que a troca de experiências entre os Polos seja ampliada e que as propostas de formação docente sejam construídas a partir das necessidades concretas desses profissionais que estão na sala de aula", diz Roseli.

